

A PASSAGEM AO ATO NOS ADOLESCENTES¹

Philippe Lacadée

Psiquiatra
Psicanalista
Membro da École de la Cause Freudienne

dlacadee@wanadoo.fr

Resumo

A adolescência é efetivamente um momento difícil, na medida em que o sujeito deve separar-se da autoridade parental, o que é ao mesmo tempo o momento mais necessário, mas também, o mais doloroso de seu desenvolvimento. A metamorfose da puberdade é um momento de transição que não vai se dar, talvez, sem correr riscos. Alguns adolescentes, em nome da "verdadeira vida", são impulsionados a correr riscos freqüentemente vitais, sem nenhuma consciência do perigo iminente. Chamamos esses comportamentos de risco de novos sintomas.

Palavras-chave: adolescência, passagens ao ato, comportamentos de risco, novos sintomas

THE PASSAGE INTO ACTION IN ADOLESCENTS

Abstract

Adolescence is in effect a difficult phase as the subject must separate themselves from parental authority which is at the same time the most necessary moment but also the most painful in their development. The transformation on by puberty is a transition moment which will not take place without risks. Some teenagers, in the name of 'true life', are led to take risks that are often vital, unknowingly of the imminent danger. These behaviors are called risk of new symptoms.

Keywords: Adolescence, taking action, risk behaviors, new symptoms.

Jacques Munier – Os comportamentos de risco dos adolescentes são habitualmente abordados sob o ângulo sociológico, se nos referirmos particularmente aos trabalhos de David Lebreton, mas muito pouco a partir da dialética sutil da construção da personalidade. Neste período, por natureza de grande fragilidade, a auto-afirmação, sobretudo num meio social hostil, onde há alguns anos acontecem explosões regulares de violência e uma taxa elevada, o que parece ser inevitável, de suicídio de jovens deveria, contudo, incitar-nos a pousar o olhar sobre estas realidades menos visíveis, mais íntimas e no entanto, decisivas na formação do sujeito. Este é o campo de investigação de vocês enquanto psicanalistas.

Philippe Lacadée - A adolescência é efetivamente um momento difícil, na medida em que o sujeito deve separar-se, como dizia Freud (1973. p. 157), da autoridade parental, o que é ao mesmo tempo o momento mais necessário, mas também, o mais doloroso de seu desenvolvimento.

Por outro lado, mais do que de crise da adolescência, nós preferimos falar “da mais delicada das transições”, fazendo referência ao poeta Victor Hugo. A metamorfose da puberdade (FREUD, 1987. p. 141) é um momento de transição que não vai se dar, talvez, sem correr riscos. Mas, Freud já se interrogava sobre o que seria uma vida que não comportasse correr riscos (ID., 1975).

Alguns adolescentes se apóiam, sem o saber, neste formidável sintagma do poeta Arthur Rimbaud (1991. p. 422), “a verdadeira vida”, e o que, em seu nome, os impulsiona a correr riscos freqüentemente vitais, sem nenhuma consciência do perigo iminente. Os comportamentos de risco interessam muito aos sociólogos, particularmente, a David Lebreton (2002), que apresenta esses comportamentos sob a forma de uma nova modalidade de existência moderna. Ele não fala de novos sintomas porque não há aqui, para ele, uma patologia, mas antes uma nova abordagem da existência e do que pode ser difícil nesta época de transição da adolescência. Com esta noção de comportamento de risco, podemos adicionar muitas coisas mais ou menos obscuras. Preferimos chamá-los de novos sintomas, sinais de uma nova clínica, que têm a ver com uma certa prática de ruptura, um curto-circuito da relação ao Outro. Mas, paradoxalmente, estes comportamentos de risco mantêm um certo endereçamento ao Outro. De que Outro se trata? É o que estamos tentando decifrar. Como e porque alguns adolescentes decidem prescindir do Outro, e podem até mesmo recusar o Outro em que, enquanto crianças, se apoiaram para, de um só golpe, colocarem suas vidas em jogo, sua “verdadeira vida”. Esta vida autêntica, aquela que justamente os jovens do subúrbio atribuem tanta importância, e que pode conduzi-los ao pior, ou também a uma solução, às vezes com impasses, para ter acesso a alguma coisa Outra. Então, quem é este Outro? Permanece um mistério a ser esclarecido.

J.M – A lista destes comportamentos de risco é, infelizmente, muito conhecida: a toxicomania, o alcoolismo, a velocidade nas estradas, as tentativas de suicídio, os transtornos alimentares, as fugas, e depois certamente os subúrbios. Parece-me que essas explosões de violência estão se tornando quase endêmicas.

P.L. – Baseando-nos na clínica analítica para decifrar uma parte não negligenciável destes comportamentos ditos de violência, o que chamamos de provocações languageiras, que são por um lado inerentes a este momento de transição da adolescência. Façamo-nos a pergunta buscando saber por que, num dado momento, o adolescente não pode não fazer de outra forma senão deixar-se capturar por esta atração de um ato a ser efetuado, como se ele fosse mais autêntico do que as palavras. Podemos fazer referência à “Carta 46”, endereçada por Freud a Fliess: “O excedente sexual impede a tradução [em imagens verbais]” (1956. p. 145). Dito de outra forma, todo excedente de sensações, de tensões impede uma tradução em significantes, é o que diríamos com Lacan, onde Freud fala de imagens verbais.

Dessa forma, pode-se melhor apreender como, em alguns momentos, certos adolescentes podem confrontar-se com algo de novo: uma sensação, uma tensão que surge justamente nesta época de delicada transição, caracterizada pelo fato de que eles não possuem palavras que possam traduzir o que lhes acontece no corpo ou em seus pensamentos. É daí que pode surgir a provocação languageira, ou uma certa violência que se traduz através de um ato. Não se esqueçam de que provocação vem do latim *provocare*, que quer dizer chamar para lado de fora. A questão torna-se, desde então, a de saber que tipo de modalidade de resposta iremos oferecer a estes jovens que talvez utilizem esta cena, esta encenação, para poder dizer alguma coisa, quer seja no privado, pelo viés de um sintoma, ou no espaço público, através de uma conduta irruptiva, por vezes um tanto dramática.

J.M – Eis aqui justamente, um extrato retirado da obra de Freud, Resultados, idéias, problemas, especialmente com a resposta dada ao advogado de defesa de um pedagogo que não queria deixar pesar sobre a escola uma acusação injustificada, instituição que lhe era muito cara: “Se os suicidas da juventude não dizem respeito somente aos secundaristas, mas igualmente aos aprendizes, entre outros, esta circunstância em si não inocenta o liceu: talvez seja exigida a interpretação de que o liceu serve aos seus egressos de substituto dos traumatismos que outros adolescentes encontram em outras condições de vida. Porém, o liceu deve fazer mais do que não incentivar os jovens ao suicídio; deve propiciar-lhes o desejo de viver e oferecer-lhes amparo e ponto de apoio em uma época de suas vidas onde eles são afetados pelas condições de seu desenvolvimento, afrouxar a sua relação na casa parental e com a sua família. Parece-me incontestável que a escola não o faça, e que em muitas situações ela fique aquém da sua tarefa: oferecer um substituto para a família é despertar o interesse pela vida em outro lugar, no mundo. Aqui não é o lugar para se criticar o liceu em sua organização atual. Talvez me seja permitido destacar, contudo, um só fator. A escola não deve esquecer-se jamais de que tem se ocupar de indivíduos ainda imaturos, aos quais não pode ser recusado o direito de demorar-se em certas fases, mesmo desagradáveis de desenvolvimento. Ela não deve reivindicar por sua conta, a inexorabilidade da vida, ela não deve querer ser mais do que um jogo de vida.” (FREUD, 1991, p. 131-132) Bela reflexão de Freud sobre a escola “não deve jamais esquecer que ela

deve se ocupar de indivíduos ainda imaturos”. Eu penso que os professores estão conscientes. E vocês que trabalham num ambiente escolar?

P.L – Este texto de Freud é surpreendentemente atual. A questão da violência na escola, sobretudo no colégio, ocupa hoje em dia, mais do que nunca, uma posição de destaque. Freud é muito claro a este respeito: a escola: “não deve querer ser mais do que um jogo de vida”. Isto não quer dizer que seja necessário jogar na escola e nem por outro lado, que a aprendizagem deve ser um jogo. Não, trata-se, para ele, de que a escola não se esqueça de que deve introduzir o jogo na vida do espírito ao sujeito, para poder desempenhar o seu papel neste momento tão delicado, onde o adolescente deve se separar daquilo que até então ele acreditava, daquilo sobre o que ele apoiou-se para construir uma identidade. Quer dizer, separar-se de sua família, quando, aliás, existe uma. Da forma como os pais o desejaram e o acolheram, mas, sobretudo, da forma que o discurso se estabeleceu ao longo de sua educação, a fim de permitir-lhe alcançar sua dimensão subjetiva e uma certa imagem de si, onde ele pôde perceber o valor que tinha para seus pais. Num dado momento, “tarefa necessária, porém dolorosa”, segundo Freud, ele deve separar-se disto, e os professores têm um papel decisivo a desempenhar oferecendo-se como substitutos dos pais. É nos professores que muito freqüentemente as crianças percebem e calculam um ponto de onde se vêem diferentes do que eram como crianças. A escola pode introduzir este “jogo de vida”, de que nos fala Freud. Como grande clínico, Freud lembra que o sujeito tem o direito de demorar-se nesta fase desagradável do desenvolvimento, porque no fundo do ser humano existe uma região, que Lacan chamou de gozo, que faz com que às vezes o sujeito não queira necessariamente o seu próprio bem. Ele pode também querer, conscientemente ou não, prejudicar-se. A clínica do ato suicida é, sem dúvida, aquela que ilustra melhor este paradoxo. Existiria para todo sujeito, por um lado, uma tensão entre o ideal do eu, que lhe diria como fazer com a sua vida e, por outro lado, esta região obscura que habita profundamente o ser e que diz respeito à sua parte pulsional. Esta mancha negra no coração do ser humano diz respeito a esta parte de sofrimento bizarro que faz, justamente, uma mancha em sua existência, e que é para a adolescência, surpreendentemente atual porque esta mancha corresponde a alguma coisa nova, que aparece com freqüência e de forma contingente. O adolescente é parasitado pelas suas pulsões sexuais, que podem ocupar toda a cena de sua vida, e das quais ele pode ter vergonha. É isto que vem a ser a mancha negra no quadro de sua infância e, empurrando-o ao exílio, ou a um certo outro lugar que conduziu Rimbaud a equivocar-se através das línguas, logo ele, que dizia querer encontrar *uma* língua. Eis em nome de que Freud reconhece o direito do jovem de demorar-se nesta fase desagradável do desenvolvimento. Vocês faziam referência à minha implicação nos meios sociais escolares: é uma implicação interdisciplinar no Centro Interdisciplinar sobre a Criança, O CIEN, criado com Jacques-Alain Miller e Judith Miller em 1996.² O CIEN permite que nós possamos trabalhar com parceiros de outras disciplinas. Não estamos mais forçosamente na época, como dizia Freud muito bem do mal estar na civilização, mas, sobretudo, numa época onde existem impasses. Parceiros de outras disciplinas se dizem igualmente confrontados

por certos "comportamentos" dos adolescentes que colocam suas ações em xeque e mate: provocações languageiras, gestos deslocados.

Porém, a clínica do ato, tal como Lacan nos ensinou, particularmente em seu seminário sobre a angústia (LACAN, 2004. p. 135.) onde ele distinguiu o *acting out* e a passagem ao ato, permite a decifração do que está em jogo neste momento específico. Lacan serve-se desta diferenciação para ler e interpretar o que estava realmente em jogo no caso de uma jovem paciente de Freud, uma adolescente homossexual, que se fazia notar pelas ruas de Viena na companhia de uma dama de má reputação. Para Freud, este estilo de comportamento estava destinado a alertar o seu pai. Esta cena, organizada por ela, talvez, sem o saber, foi concebida para efetivamente ser endereçada a este pai como mensagem indizível. Lacan lê este comportamento provocativo como um *acting out*. Em contrapartida, ele interpreta como uma passagem ao ato o suicídio da jovem que se segue ao olhar de desaprovação do pai, quando ele cruza com ela nas ruas de Viena. Imediatamente após este encontro, ela salta de uma ponte. Lacan faz uma diferença entre a passagem ao ato, que é uma retirada da cena do mundo, e o *acting out*, que se organiza, e talvez demanda que se possa dizer alguma coisa à criança ou ao adolescente.

Nas trocas interdisciplinares que nós temos - particularmente no colégio Pierre Sépard em Bobigny, onde trabalhamos com os professores - nós os ajudamos, quando utilizamos os conceitos provenientes da teoria psicanalítica, a tentar fazer diferenciações em "comportamentos" provocativos de um adolescente. Eu coloco aspas em "comportamento", porque para nós, não se trata forçosamente de uma desordem do comportamento que seria produzido sem que ele tenha, como sujeito, a possibilidade de dizer alguma coisa. Os comportamentos são para serem lidos como um certo tipo de pantomima, como um texto que a criança agiria sem necessariamente saber. O professor pode ajudá-lo um pouco ao decifrar a parte de sofrimento que está incluída no comportamento, que o agita sem ele saber, este "sofrimento bizarro" a que se referia Rimbaud (1991, p. 185).

J.M. - Você citou Lacan, eu lhe proponho de fazer um retorno a Freud com esses discursos recentes de Danielle Rapoport:

Nós acolhemos um certo número de adolescentes que fizeram tentativas de suicídio. Frequentemente, a problemática subjacente à tentativa de suicídio é uma tentativa de separação mãe-filha, das relações de uma grande proximidade; a adolescente na ocasião de um conflito tenta finalmente se separar da mãe. A questão que vai se colocar vai ser de reintroduzir uma triangulação, e então a questão edipiana é bastante presente no nosso espírito e nós somos frequentemente levados a convocar, se não o pai real, de todo modo a figura paterna que vai ajudar neste processo de separação. E lá, Freud é presente cotidianamente, podemos dizer: isso tudo é Freud, o Édipo, o complexo de Édipo, as relações mãe-filha, pai-mãe-filha, mãe-filho, mesmo que haja menos garotos que fazem tentativas de suicídio, isso tudo é Freud.

Em maio de 2006, D. Rapoport, psicanalista, insiste, na ocasião do centésimo quinquagésimo aniversário do nascimento de Freud, no complexo de Édipo. Vivemos numa época onde constatamos um certo declínio da autoridade paterna que intervém com certeza na vida psíquica dos jovens.

P.L. – D. Rapoport utiliza uma palavra certamente importante – separação – a dificuldade de separação entre a mãe e a filha. Seguindo suas palavras, podemos pensar que poderia haver um suicídio por separação, ou para uma separação se produzir. Mas do que se trata de se separar a partir deste ato? Eis que se trata, para a jovem que passa ao ato através da tentativa de suicídio – que de todo modo sempre se deve levar a sério – de se separar da sua mãe, ou do pensamento que ela tem da sua mãe, ou do que ela pensa ser para a sua mãe? Não procura ela, assim, se separar do que ocupa a sua cabeça e de encontrar um outro pensamento, até mesmo um outro significante que lhe permitiria parecer diferente para ela mesma? Não se trataria nesse caso, para além deste ato, de encontrar uma tradução possível de seu sofrimento através de outra palavra que lhe permita, de repente, se perceber diferente, esse famoso “ponto de onde” ela se veria diferente, e que Lacan desenvolvia no seu Seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”? (1973, p. 132 e 211). Este “ponto de onde” é com certeza importante no momento do declínio do Édipo, já que o adolescente deve se apoiar na função do pai, que é uma função de ideal do eu. É como se o adolescente utilizasse este “ponto de onde” ele se veria amável e digno de ser amado para se sustentar na existência de outra maneira. Este ponto, utilizado a partir da função do ideal do eu, faz referência ao terceiro tempo do Édipo, onde o mais importante não é necessariamente o pai que diz não. Jacques-Alain Miller (2000), como Lacan no seu Seminário “As formações do inconsciente”, tinha indicado a importância do pai que diz sim, ao novo que surge na criança.

Assim, o adolescente traz em si alguma coisa de novo que Rimbaud (1991, p. 440) chamava nossos sofrimentos modernos. Aliás, o adolescente é sempre moderno; ele é moderno em relação às pulsões que agem nele, que se atualizam no que Freud nomeava “as metamorfoses da puberdade”. Porque aí, de repente, tem algo de novo que surge, e que pode ser a mãe que não quer, não pode acolher. Se nos apoiarmos no que dizia D. Rapoport, a mãe não pode aceitar. Ela queria que sua filha fosse sempre sua menina. Porém, a jovem encontra em si mesma algo de novo que ela quer que o Outro autentique, alguma coisa que ela quer que o Outro diga sim. Frequentemente este é um dos paradoxos do adolescente, ele mesmo não consegue autenticar para si, traduzir em palavras a angústia, a vergonha ou a solução radical de uma passagem ao ato. Na crise da educação datada em 1954, Hannah Arendt (1972) demonstra que os adultos não são responsáveis pelo mundo que eles oferecem a criança, no sentido que eles não sabem aceitar o elemento novo que a criança traz em si. A criança traz em si um elemento novo ao nascer, já que ela surge como algo que não existia antes dela. Mas ela traz também um elemento novo que surge para ela no momento da adolescência. Victor Hugo, numa bela frase, descreve este momento como a mais delicada das transições, acrescentando que se trata “do início da mulher ao final de uma criança”.

J.M. – No livro que vai ser lançado e cujo título é *O despertar e o exílio*, você coloca um certo número de questões. Por que, por exemplo, se colocar em perigo nestas práticas de risco que evocávamos no início? Você respondeu em parte a esta questão. Você evocava neste instante, esta novidade constante que, finalmente, a criança é para si mesma, e você coloca no seu livro a questão: este corpo que muda, eu acrescento: o corpo que cresce, seria ele o lugar de uma identidade?

P.L. – O adolescente é antes de tudo surpreso pelo surgimento da dimensão do corpo. A psicanálise é certamente uma experiência de palavra, mas somente enquanto a palavra é suportada por um corpo. E, como dizia muito bem Lacan, um corpo, d'isso se goza. Na adolescência, o corpo é experimentado pelo sujeito de uma nova maneira, como testemunha, por exemplo, Robert Musil (1960), no *Les désarrois de l'élève Törless*, onde ele nos dá uma verdadeira lição clínica sobre a adolescência e as passagens ao ato. Ele descreve como, para o aluno Törless, "um elemento sexual se insinuava assim, inesperadamente, sem relação com os pensamentos" (ID., p. 31.). De repente, escutando um colega falar de seu pai, o aluno Törless, inicialmente surpreso pela bizarria deste pai, pensa que seu próprio pai é também um pouco bizarro. Ele se sente, então, intrigado pelos movimentos das mãos de seu colega, mas certamente pelo que ele sente de maneira contingente no nível do seu corpo, uma fricção de gozo sem sentido que o mergulha no maior do desespero. Isso demonstra bem que o corpo é o lugar de experimentação de gozo. Esta fricção constitui um acontecimento no corpo que não pode se traduzir em palavras. Então lhe vem, como uma solução, a idéia de blasfemar e insultar seu pai, mas isso fica incluído no seu pensamento, no recalque.

Em contrapartida, nos nossos dias quando certos jovens pensam no insulto, eles o vivem como verdadeiro, já que eles o pensam. Eles o sustentam, então, como autêntico e o proferem sem contenção. Vocês compreendem que graças à Musil, a lógica do insulto ilustra maravilhosamente este momento de desespero, próprio ao adolescente, que visa o corpo, na medida em que seu gozo enoda, ou não, as palavras. O termo desespero que não está aí por acaso, vem do antigo francês "*désarroyé*", que quer dizer sem o Outro. Eis o momento, tão singular, onde o adolescente tem dificuldade para traduzir em palavras o excesso de sensualidade. A psicanálise é uma chance para os adolescentes. Dizemos que eles não falam, isso não é verdade. Basta saber aproximar-se deles um pouco, ganhar sua confiança para perceber que eles têm muitas coisas a dizer com a condição que saibamos ouvir aquilo que os perturba. Eles são muito sensíveis a esta escuta.

J.M. – Da psicanálise como uma via possível para abordar a arte do insulto nos adolescentes como uma palavra. Você desejou, Philippe Lacadée, que ouvíssemos um poema das *Iluminações* já que você citou Arthur Rimbaud. No seu livro, "*O despertar e o exílio*", você tinha, aliás, numerosas referências literárias. Eis então "*Vagabundos*" (RIMBAUD, 1991, p. 349) um texto das *Iluminações*: "Lastimável irmão! Quantas vigílias atroztes eu lhe devo! Eu não me entregava com fervor a este negócio. Caçoava de sua doença. Por minha culpa voltaríamos ao exílio, à escravidão. Ele me achava

7

um pé frio, e de uma inocência bizarra demais, adicionava razões inquietantes. Eu respondia rindo deste doutor satânico, e acabava saindo pela janela. Eu criava, mais além do campo atravessado por bandas de música rara, os fantasmas do futuro luxo noturno. Depois dessa distração ligeiramente higiênica, me deitava numa esteira. E quase, toda noite, assim que dormia, o pobre irmão se levantava, a boca podre, olhos esbugalhados, - como ele se sonhava! - e me arrastava pela sala, uivando seu sonho de mágoa idiota. Eu tinha prometido, de fato, do fundo do coração, recuperar seu estado primitivo de filho de sol, - e vadiávamos, alimentados pelo vinho das cavernas e pelo biscoito do caminho, eu com pressa de encontrar o lugar e a fórmula.”

Rimbaud, portanto, uma figura simbólica da modernidade afetado pela sua juventude.

P.L. – A última frase deste poema, “eu com pressa de encontrar o lugar e a fórmula”, me parece paradigmático disto que está em jogo neste momento da adolescência. Pelo quê o sujeito é pressionado? Ele é pressionado pela pulsão, quer dizer, por alguma coisa que se agita nele, que o agita e mesmo o age. Isso o empurra no sentido de encontrar “o lugar da fórmula” onde ele poderá dizer alguma coisa, para agarrar a fórmula de sua existência. Rimbaud fala do errar. A fuga e a errância são importantes durante a adolescência. Lacan, ele próprio, faz referência à errância e observa que ela tem mais a ver com a etimologia *d’iterare* (LACAN, 1973-74, aula de 13/11/1973), que não quer dizer forçosamente viajar, tal como todo mundo havia entendido, e sim repetir. O sujeito, por meio de sua fuga e na sua errância, repete alguma coisa da ordem do gozo sem sentido. Não chegando a encontrar a fórmula, a palavra que lhe permitiria se separar do pensamento que captura sua mente, a solução de partir, de andar, se oferece a ele, às vezes sem objetivo, em busca da “verdadeira vida”. O príncipe do adolescente – como o qualifica Michelle Perrot (1994, p. 22.) – dizia ainda: “Eu tive que viajar para distrair os pensamentos reunidos do meu cérebro” (RIMBAUD, 1991, p. 435), designando assim aquilo que o conduziu à errância e à uma certa provocação. Mas ele acrescenta: “É falso dizer: Eu penso, deveria dizer, sou pensado” (Rimbaud 1871, op. cit., p. 183.), descrevendo como um pensamento pode se impor na cabeça de um jovem, e como, para se separar, o sujeito pode ser obrigado a passar ao ato. É por isso que é necessário oferecer aos adolescentes lugares de conversação, onde eles possam agarrar uma nova palavra que lhes permita, enfim, traduzir suas sensações e dizer sobre esta delicada transição. Aliás, a transição é antes de tudo para nós uma figura retórica que permite passar de uma palavra à outra. Passando de uma palavra à outra, você chega enfim a se separar do que prendia sua cabeça, deste pensamento que poderia cortá-lo do Outro e que produziria este estranho sofrimento. Quer dizer que você se separa do valor de gozo a que estava incluso e ao qual, de maneira paradoxal, você poderia estar ligado. Este pensamento pode enquadrar um adolescente no desespero, fazendo-o ruminar totalmente sozinho no seu exílio. De repente, por exemplo, durante uma sessão de psicanálise, é possível que ele possa entregar a esta tarefa do bem dizer do seu ser, o que era uma mancha negra para ele. Sublinhamos ainda a importância que Rimbaud concede neste poema à janela, porque os

8

adolescentes pensam freqüentemente que a “verdadeira vida” é em outro lugar. Por meio da janela, Rimbaud situa este famoso “ponto de onde” ele se vê errando no campo, escapando a este “doutor satânico” que sua mãe, sempre angustiada, chamava ao menor problema de saúde de seu filho. Ele chamava sua mãe “a boca de sombra” (RIMBAUD, 1871, p. 340), e compreendemos que é pela janela que ele agarrava a luz que faltava na sua “verdadeira vida”. Esta busca do Outro, este lugar onde ele procura a fórmula da sua vida o conduz a se projetar em outro lugar, a encontrar este famoso “ponto de onde” ele se veria em outro lugar para não ficar preso nesta mancha de sombra que sua mãe poderia encarnar.

Tradução: Kátia Danenberg e Simone Bianchi

NOTAS

1. Este texto foi publicado originalmente em: **La Cause freudienne: Nouvelle Revue de Psychanalyse**. Paris: Navarin Editeur, n. 65, p. 219-226
2. N.R.: O CIEN é um laboratório de pesquisa interdisciplinar e pertence o Instituto do Campo Freudiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. **Crise de l'éducation, crise de la culture**. Paris: Gallimard, 1972.
- FREUD, S. Le roman familial des névroses. In: **Névrose, psychose e perversion**. Paris: Puf., 1973.
- _____. Les métamorfoses de la puberté. In: **Trois essais sur la théorie sexuelle**. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. **Essais de psychanalyse**. Paris: Payot, 1975.
- _____. **La naissance de la psychanalyse**. Puf., 1956.
- _____. Pour introduire la dimension sur le suicide. In: **Résultats, idées, problèmes**. Paris: Puf., 1991.
- LACAN, J. **Le séminaire. Livre X: L'angoisse**. Paris: Le seuil, 2004.
- _____. **Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux da la psychanalyse**. Paris: Le seuil, 1973.
- _____. (1973-74) **Le séminaire. Livre XXI: Les non-dupes errent**. Aula do dia 13/11/1973
- LEBRETON, D. **Conduites à risques**. Paris: Puf., 2002.
- MILLER, J.-A. **Du nouveau! Introduction à la lecture du séminaire V de Jacques Lacan**. Collection rue Huysmans. Paris: Navarin diffusion Seuil, 2000.
- MUSIL, R. **Les desarrois de l'élève Törless**. Paris: Le seuil, 1960.

PERROT, M. Le chevalier errant comme figure valorisant de l'errance. In: **Adolescente, errances**. Paris: Bayard, n. 23, 1994.

RIMBAUD, A. Une saison en enfer, Delires I. In: **Ouvre-vei**. Éditions du centenaire. Éditions établie por Alain Borer: Arléa, 1991.

_____. **Lettre à Georges Izambard et le coeur supplicité**. Paris: Charleville, mai. / 1871.